

Pibid Música no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima: relato de experiência do primeiro semestre

Beatriz Taveira de Moura Teixeira
Universidade Federal de Roraima
beatriztmt@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar as experiências obtidas durante o primeiro semestre de atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima, cuja realização se deu no Colégio de Aplicação da própria Universidade. O texto descreve as atividades didático-pedagógicas executadas pelos bolsistas durante esta primeira experiência de prática docente musical. Também explica como ocorreu os processos de observação e planejamento, e quais as concepções e perspectivas formadas a partir dos conhecimentos obtidos através da associação entre teoria e prática no ambiente escolar. Ressaltando a relevância e o sucesso do projeto que visa auxiliar na formação dos acadêmicos de licenciatura, propiciando o desenvolvimento de atividades em escolas da educação básica da rede pública de ensino.

Palavras-chave: Ensino Regular, Educação Musical, Formação Docente.

1. Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) é um projeto da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) executado em parceria com a Universidade Federal de Roraima e recentemente implantado no curso de Licenciatura em Música que, já em seu segundo semestre de atividades, veio oferecer aos seus acadêmicos a oportunidade única de vivenciar o ensino da música no ambiente escolar ainda durante o período de sua formação.

Tal experiência tem um valor educacional e profissional imensurável, pois consiste na formação prática de um educador, associada às teorias e conceitos apresentados nos cursos de licenciatura. Tudo isso sob o olhar atento de orientadores que vêm nortear o crescimento deste futuro professor.

A música, por sua vez, antes inserida no contexto escolar através de atividades culturais esporádicas, foi instituída como conteúdo obrigatório a partir da lei 11.769 de 2008. E em Roraima, seu ensino está se desenvolvendo de forma lenta e gradual. Então, pode-se afirmar que o Pibid tem uma importância ainda maior neste contexto, pois formará

diretamente aqueles que consolidarão ensino de música no estado, vindo a suprir uma carência de profissionais especializados na área.

Neste relato serão apresentadas, de forma pessoal, as experiências adquiridas durante o início de projeto: o aprendizado, as dificuldades e as superações.

2. Desenvolvimento da Experiência

O Pibid Música da Universidade Federal de Roraima foi executado no Colégio de Aplicação, com 12 bolsistas participantes que foram divididos em duplas e trios. A escolha do Colégio de Aplicação foi motivada porque nele há professores com formação superior na área de música, sendo estes os responsáveis por supervisionar os bolsistas durante o andamento das atividades. Além disso, é a única escola pública do estado que possui a disciplina de música como componente curricular específico, e não apenas como conteúdo programático abarcado em outras disciplinas.

A primeira etapa do projeto foi constituída por um breve período de observação das atividades desenvolvidas pelo professor das turmas do 4º e do 5º ano do ensino fundamental, às quais fomos designados.

Foi uma etapa de extrema importância, pois “a observação desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, constituindo uma fonte de inspiração e motivação e um forte catalisador de mudança na escola” (REIS, 2011, p. 11).

Ela foi direcionada para pontos específicos como o objetivo da aula, as atividades trabalhadas, os métodos, as avaliações, os recursos e a relação aluno-professor. Tal fase foi fundamental, pois foi responsável por nos dar um parâmetro geral de como ocorriam as aulas e de qual era o andamento da turma, para que pudéssemos planejar como seriam guiadas nossas atividades.

O segundo passo foi planejar, em conjunto com o professor-supervisor, quais seriam os conteúdos abordados durante o semestre, tendo em vista que o programa curricular de música da escola é bem flexível, deixando aberto aos professores e bolsistas a decorrerem por assuntos que achassem pertinentes e relevantes.

Todo o planejamento foi feito levando em conta a base de conhecimento musical que as crianças já haviam obtido no ano anterior. Outro aspecto observado na hora de organizar o cronograma de conteúdos e atividades, foi a faixa etária; buscamos exercícios dinâmicos e

interativos, sempre respeitando o tempo de concentração que crianças entre os 9 aos 11 anos de idade conseguem ter.

Optamos por desenvolver o tema *Orquestra*, com foco nos parâmetros musicais como *grave/agudo, timbre e ritmo*, além de explorar o aprimoramento da *percepção auditiva* e da *interpretação sonora e emotiva*. O objetivo central era trabalhar estes conteúdos com atividades que propiciassem aos estudantes uma forte experiência musical, tal como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte:

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos, é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula (BRASIL, 1997, p. 57).

As aulas tinham uma estrutura praticamente fixa. Elas se constituíam em revisão da aula anterior, exposição do tema, atividade prática e avaliação. Sempre baseando-se no plano de aula elaborado anteriormente, sendo esta uma prática aprendida e desenvolvida ao longo do semestre. Este plano nada mais é que:

[...] a sequência de tudo o que vai ser desenvolvido em um dia letivo. [...] É a sistematização de todas as atividades que se desenvolvem no período de tempo em que o professor e o aluno interagem, numa dinâmica de ensino-aprendizagem (PILETTI, 2001, p. 73).

Com base nestes planos, iniciamos as atividades. Apresentamos às duas turmas as famílias da orquestra e seus instrumentos. Com todas elas nós trabalhamos com a exibição de vídeos com a performance de instrumentistas que tocavam músicas conhecidas das crianças, ou executavam obras de formas cômicas, o que despertou ainda mais o interesse dos estudantes pelos instrumentos.

Durante o estudo da *Família das cordas*, conseguimos levar para uma das aulas um violino, um violoncelo e um contrabaixo, aos quais as crianças tiveram livre acesso. O ponto central não era ensiná-los a tocar, mas oportunizar o contato com o instrumento, despertando a curiosidade e a vontade de aprender a tocar um deles posteriormente.

Neste momento o professor e os bolsistas apenas os orientaram como deveriam segurar o instrumento, e como deveriam fazer para emitir algum som musical.

As crianças precisam ter experiências concretas com objetos que emitem sons, instrumentos musicais ou outros e formar um vocabulário específico

para se referir a eventos sonoros. O manuseio de objetos sonoros cria situações em que será possível agrupar ou separar os sons, classificar e seriar (MAFFIOLETTI, 2001, p. 130).

Nesta aula específica, fizemos um jogo de *Percepção Auditiva*, no qual eles deveriam ficar de costas e de olhos fechados para tentar descobrir, apenas ouvindo, qual dos três instrumentos estava sendo tocado pelos bolsistas. A avaliação foi positiva tendo em vista que constatamos a grande facilidade que as crianças tiveram em memorizar os sons dos instrumentos.

Já no estudo da família dos metais, fizemos a mesma apresentação dos instrumentos com recursos audiovisuais e depois partimos para a continuação do estudo dos conceitos de *Grave* e *Agudo*. Após explicarmos as definições, colocamos músicas solo dos instrumentos de metais e pedimos a eles que nos dissessem se o som que eles emitiam eram graves ou agudos.

Depois ainda fizemos uma brincadeira de *Morto-vivo* utilizando como recurso a flauta doce, com a qual tocávamos sons graves e agudos. Quando a flauta emitia um som grave, os alunos deveriam se agachar, e ao emitir um som agudo, eles deveriam se levantar; tudo feito com variações de tempo e algumas repetições. Tal atividade gera um aprendizado inconsciente e ao mesmo tempo divertido, pois é como Madureira (2012, p. 4) diz: “O corpo é o brinquedo predileto da criança. É no corpo e através dele que a criança toma consciência de todas as coisas, de suas emoções e pensamentos”.

O *Timbre* foi trabalhado durante o estudo da *Família das madeiras*. Depois de apresentados os instrumentos e os sons, as crianças deveriam descrever como era o som do instrumento que eles mais gostaram, desta forma, iniciando a percepção das diferenças entre as características sonoras.

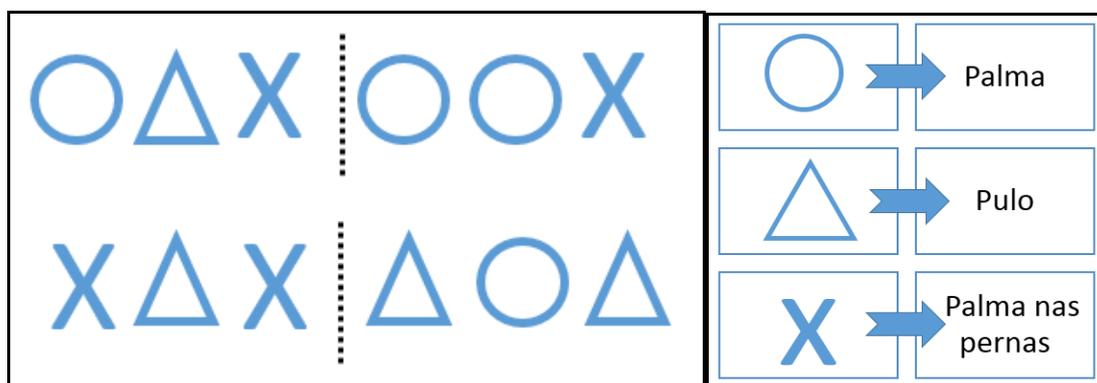
Em seguida fizemos a atividade do *Maestro Cego*, na qual um dos alunos ia à frente reger o coro formado pela turma que cantava a canção folclórica *Atirei o pau no gato*. O detalhe da brincadeira era que o pequeno maestro estaria vendado, e a segunda parte da música era cantada por um solista escolhido na hora. Ao final, o maestro deveria dizer qual de seus colegas era o solista, apenas pelo reconhecimento de sua voz.

A partir daí foram levantados os questionamentos de como ele descobrira que era um coleguinha e não o outro. Todos opinaram até chegarem ao consenso de que as vozes deles eram diferentes umas das outras. Com isso foi exposto a eles o conceito de timbre.

O último tópico trabalhado foi a *Família da percussão*. Ao contrário das outras vezes, pedimos aos alunos que iniciassem a aula nos listando os instrumentos percussivos que eles conheciam, e depois geramos o questionamento de que tipos de instrumentos percussivos apareciam mais em determinados tipos de estilos musicais (por exemplo: no rock a bateria, no samba o pandeiro etc.), apenas depois disso apresentamos os instrumentos mais usuais na orquestra.

E então viemos a trabalhar o *Ritmo* com a brincadeira da *Orquestrinha*, que foi apresentada por nosso coordenador em uma das reuniões do projeto. Nessa brincadeira usa-se o corpo como instrumento percussivo. Os alunos deveriam ler juntos o ritmo, seguindo um andamento e uma pulsação determinada, através de símbolos que representavam sons específicos, como mostram os exemplos abaixo:

FIGURA 1 – Exercício e legenda



Nessa atividade eles tiveram um pouco de dificuldade, primeiro porque as duas turmas estavam juntas, então eles não conseguiam manter a concentração, e segundo porque alguns realmente não tinham entendido a pulsação do compasso utilizado. Então tivemos que passar o ritmo verbalmente com a sílaba “ta” para depois voltarmos a fazer os sons com o corpo.

O trabalho com ritmo é importante não apenas na formação musical, mas contribui de outras formas para o desenvolvimento da criança. Chiarelli e Barreto (2005) afirmam que atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas e pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, sendo fatores importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Depois de desenvolvermos todas as atividades programadas, finalizamos o nosso cronograma no tempo certo, pois após a última aula temática houve apenas revisão do conteúdo e na aula seguinte uma prova escrita que concluía o semestre.

3. Considerações de uma bolsista do Pibid

Pessoalmente, estou muito satisfeita com o caminhar do projeto, pois é uma experiência enriquecedora que está acrescentando muito à minha formação como educadora musical.

O Pibid me fez compreender com mais clareza o papel do professor de música na escola de ensino regular, me fazendo, ainda, refletir sobre a linha tênue que separa a teoria da prática em termos de ensino, me instigando a buscar formas de trabalhar para realmente tornar as teorias mais aplicáveis.

Além de tudo, percebi em mim o desenvolvimento em diversos âmbitos como o aumento da minha capacidade de planejamento, assim como da forma com a qual lido com situações imprevistas. Aprendi também estratégias para contornar algumas dificuldades como a agitação e a falta de atenção dos alunos em determinados momentos. E ainda obtive muitos aprendizados que favorecerão o meu crescimento não só como profissional, mas como pessoa.

Segundo Lima (2010) a música “é uma linguagem cujo conhecimento se constrói e não um produto pronto e acabado. Então a musicalização na escola é essencial. Traz alegria, descontração, entusiasmo, tudo o que se precisa para o trabalho escolar”.

O Pibid veio apenas para me confirmar que é com essa linguagem que eu quero trabalhar, tendo por objetivo não apenas ensinar música, mas despertar nas crianças a sensibilidade do ser humano com uma das mais puras formas de expressão existentes, desenvolvendo assim, pessoas melhores.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 11.769, de Agosto de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm> Acesso em: 17 ago. 2014.

CHIARELLI, L. K. M.; BARRETO, S. de J. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. **Revista Recre@rte**. n.3, 2005. Disponível em: <<http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03/musicoterapia.htm>> Acesso em: 19 ago. 2014.

KAERCHER, G. E. P. S.; **Educação Infantil: pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LIMA, S.V. de. A Importância da Música no Desenvolvimento Infantil. **Artigonal – Diretório de Artigos Gratuitos**. 2010. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/a-importancia-da-musica-no-desenvolvimento-infantil-1863813.html>> Acesso em: 18 ago. 2014.

MADUREIRA, José Rafael. Rítmica Dalcroze e a formação de crianças musicistas: uma experiência no Conservatório Lobo de Mesquita. **Revista Vozes dos Vales**. n. 2 Ano 1. Minas Gerais, 2012.

MAFFIOLETTI, L. de A. **Práticas Musicais na Educação Infantil**. In. CRAIDY. M.; KAERCHER, G. E. P. da S.; Educação Infantil: pra que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PILETTI, Cláudio. **Didática geral**. 23. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

REIS, Pedro. **Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente**. Cadernos do CCAP-2. Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores. 2011.